

# CARTA ÀS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

**Isabel Marques<sup>1</sup>**

*Instituto Caleidos – São Paulo/SP*

*Orcid: 0000-0001-5944-2725*

*dedicado à Ana Mae Barbosa,  
professora de muitas professoras*

## RESUMO

Este artigo é uma carta direcionada a professoras e professores de Educação Infantil na qual a autora conversa sobre sua experiência como formadora na área de ensino de dança no Brasil abordando temas cruciais para o desenvolvimento de práticas de ensino de dança mais presentes, articuladas, problematizadoras e éticas nas escolas. A autora trabalha relações entre o ensino de dança e a Abordagem Triangular expandindo conceitos e sugerindo que essa abordagem vai além das práticas pedagógicas: ela também pode ser um referencial na formação de professores e professoras em geral e gerar outras redes de relações no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** professora, dança, educação, abordagem triangular.

## RESUMEN

Este artículo es una carta dirigida a docentes de Educación Infantil en la que la autora habla de su experiencia como formadora en el área de la enseñanza de la danza en Brasil abordando temas cruciales para el desarrollo de formas más presentes, articuladas, problematizadoras y éticas de enseñar danza en las escuelas. La autora trabaja sobre las relaciones entre la enseñanza de la danza y el Enfoque Triangular, ampliando conceptos y sugiriendo que este enfoque va más allá de las prácticas pedagógicas: también puede ser un referente en la formación de docentes en general y generar otras redes de relaciones en el ámbito escolar.

**Palabras clave:** maestras, danza, educación, enfoque triangular.

## ABSTRACT

This article is a letter addressed to schoolteachers of Early Childhood Education in which the author talks about her experience as a trainer in the area of dance teaching in Brazil, addressing crucial themes for the development of a more present, articulated, problematizing and ethical dance teaching in schools. The author works on relationships between dance teaching and the Triangular Approach, expanding concepts and suggesting that this approach goes beyond pedagogical practices: it can also be a reference in the training of teachers in general and generate other networks of relationships in the school environment.

**Keywords:** teachers, dance, education, triangular approach.

1 Agradeço a Fábio Brazil pela leitura crítica do original deste artigo.

Prezadas professoras (e professores)<sup>1</sup>.

Minha última carta dedicada a vocês foi um posfácio ao livro que escrevi sobre dança na Educação Infantil a convite da querida Joska Baroukh<sup>2</sup>, dez anos atrás. Mas o tempo não nos afasta, ao contrário – soma alguns anos mais de experiência nesse nosso *dançar ensinando e ensinar dançando* que tanto nos aproxima. Aliás, muitas de vocês sabem, há mais de 25 anos este é como se fosse um ‘lema’ e uma busca, minha e do Caleidos<sup>3</sup>. Hoje escrevo a convite da também querida Fernanda Cunha, que sempre me estimula a refletir e a escrever. Nessa carta, achei que seria importante revisitar alguns assuntos sobre os quais escrevi em 2012, mas trazendo-os para o contexto atual.

Para quem me lê pela primeira vez, gostaria que soubessem que sou pedagoga, finalizei minha graduação no ano de 1987, na Universidade de São Paulo (USP). Sou também artista da dança, nascida e crescida em uma época que aprender dança formalmente só era possível a poucos, e eu tive esse privilégio, agradeço a todos que estiveram nessa trajetória inicial.

Mas minha dança mesmo, a que acredito e compartilho, nasceu na escola e da escola pública, muitos anos depois de meus primeiros passos, quando tive outro privilégio: ser assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP) na gestão Paulo Freire e conhecer de perto as propostas de Ana Mae Barbosa, pensando-as para o universo da dança<sup>4</sup>. Nessa época, nós todos éramos de certa forma iniciantes na jornada de inclusão das diferentes linguagens da Arte na escola pública de São Paulo. Foi um período de muito diálogo e construção de futuros.

Revisitando minha formação como pedagoga, me dou conta do quanto o currículo em nível superior menosprezou

qualquer tipo de educação ligada às artes. Não tive na faculdade disciplinas ligadas à Dança – nem Arte em geral. Mas nesse mesmo período, ainda aluna da USP, conheci Mariazinha Fusari, e desde então, entendi que deveríamos lutar incessantemente para que a Arte fizesse parte do currículo escolar. A ausência de arte em minha formação superior acabou sendo um impulso para que eu fizesse um Mestrado – e posteriormente um doutorado – em Dança e começasse a compreender alguns caminhos para sua inserção nos currículos escolares, mas, lá em 1988, essa trajetória teve que se dar fora do Brasil.

Tampouco a mesma faculdade, naquela época, propôs qualquer estudo, crítica, prática ou leitura que fosse sobre o corpo, o corpo do pedagogo, os corpos dos estudantes, as relações entre esses corpos e os processos de ensino e aprendizagem em contextos sociais. Em suma, só quero dizer que, desde que me formei pedagoga, sinto falta da dança nas escolas, e não entendo por que ela ainda é tão ausente em muitos territórios do país – e do mundo.

Mas aqui escrevendo agora, não posso deixar de lembrar que esta situação de penúria completa já não existe mais e com muito orgulho faço parte da geração de educadores que, seguindo a trilha de Ana Mae Barbosa, lançou as primeiras pontes e travessias entre a dança e a escola. Hoje, não somente os documentos oficiais reconhecem a Dança no currículo escolar<sup>5</sup>, mas grande parte das escolas brasileiras já entende que a Arte as constitui e, com ela, constrói mundos capazes de esperar<sup>6</sup>.

Desde que me formei, entender-me como educadora não foi um trajeto fácil, pois a dança, que sempre atravessou meu caminho pessoal, não fazia parte dos currículos escolares. Do mesmo modo, foi um longo trajeto para que o ‘mundo da dança’ reconhecesse a existência e os atravessamentos da educação nos fazeres artísticos. Hoje tenho clareza de que tanto a arte traz contribuições para o fazer pedagógico quanto a educação pode de fato movimentar e alterar os processos de criação artística<sup>7</sup>.

2 Refiro-me ao livro MARQUES, I. (2012). *Interações: criança, dança, escola*. 1ª ed. São Paulo: Blucher.

3 O Instituto Caleidos e o Caleidos Cia de Dança, dirigidos por Isabel Marques e Fábio Brazil, localizam-se em São Paulo, Brasil. Para saber mais veja [www.institutocaleidos.com](http://www.institutocaleidos.com), [www.formacaocaleidos.com.br](http://www.formacaocaleidos.com.br), Insta @caleidos\_cia, Youtube caleidosdanca.

4 Esse projeto se deu durante o governo de Luiza Erundina, de 1989-1993. Para saber mais sobre a Abordagem Triangular e o ensino de dança vide MARQUES, I. (2010). *Linguagem da dança: arte e ensino*. 1ª ed. São Paulo: Digitexto. e MARQUES, I. (2010). De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino de dança. In A. M. BARBOSA e F. CUNHA (Eds.). *Abordagem triangular no ensino das artes e cultura visuais*. 1ª. Ed. São Paulo: Cortez Editora.

5 Refiro-me principalmente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1997 e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018.

6 Importante lembrar que desde 1987 cresceu substancialmente o número de cursos de Licenciatura em Dança no país, assim como os grupos de pesquisa e a literatura especializada em Dança e Ensino de Dança. Do mesmo modo, já são muitos os cursos de Pedagogia que incluem o ensino de Arte em seus currículos.

7 Escrevi mais sobre esse tema em MARQUES, I. (2016). O que a arte pode aprender com a educação (4). In V Congresso Internacional SESC Arte/Educação, Recife PE. *Vida de Artista: diálogos entre Arte, Educação, Filosofia*. Recife PE: SESC.; MARQUES, I. (2014). O artista/docente: ou o

É nessa interface que me encontro hoje, e por isso, é como pedagoga e artista da dança, ou como artista/docente<sup>8</sup>, que me dirijo novamente a vocês, retomando alguns assuntos de minha última carta para que aqui possa visitar a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. O trabalho de Ana Mae, vocês sabem, foi – e é – crucial para reviravoltar o ensino de Arte não só nas escolas, mas nas práticas educativas e pedagógicas de modo geral. Entendo hoje que seus ensinamentos vão além das salas de aula, eles sugerem visões de mundo que engendram ações políticas, no sentido que sempre nos ensinou Paulo Freire. Aliás, vocês sabiam que Paulo Freire foi professor de Ana Mae? Mas esse é assunto para outra carta.

Acredito que vocês já devem ter ouvido e estudado – discutido e até mesmo trabalhado – com a Abordagem Triangular. A triangulação do saber em Arte, as relações entre o fazer, ler e contextualizar arte; sei que isso já deve fazer parte da grande maioria das aulas das leitoras desta carta. Eu pessoalmente adoro como a abordagem de Ana Mae expande o conceito de arte na escola, desdobra possibilidades de conhecer arte e abre portas para uma imensa gama de fazeres diferenciados, compromissados e críticos, artísticos ou não.

Mas vocês já repararam como muita coisa que cai nas redes de relações escolares acaba virando listagem de procedimentos ou receitas de atividades? Então... um dia, lá nos anos 1990, a proposta de Ana Mae foi batizada pelos professores ‘metodologia’, e uma metodologia, a meu ver, bem estreita, como se fosse sequência de fazeres a serem tidos: primeiro apreciar a obra, depois contextualizá-la (contar as histórias dos pintores) e em seguida ‘relê-la’ fazendo outra pintura. Muita gente já escreveu sobre isso, incluindo a própria Ana Mae que resolveu mudar o nome de sua proposta<sup>9</sup>. Nesse movimento saudável de entendimento da escola entre o que se escreve e o que se faz, a então metodologia foi renomeada para ‘abordagem’, a Abordagem Triangular como hoje conhecemos.

que a arte pode aprender com a educação? *Ouvirouver* (Online), v. 10, pp. 230-239; MARQUES, I. (2014). Artista às avessas, ou: o que a Arte pode aprender com a Educação? In R. PRIMO e D. PARRA (Eds.). *Invenções do Ensino em Arte*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

8 Sobre o conceito de artista/docente vide MARQUES, I. (1999). *Ensino de dança hoje*. 1ª Ed. São Paulo: Cortez; MARQUES, I. (2014). O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação? *Ouvirouver* (Online), v. 10, pp. 230-239.

9 Vide BARBOSA, A. M. (1998). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: c/arte.

Nessa perspectiva, confesso que ainda entendo pouco as professoras que renunciam a seu direito de criar, de inventar, de elaborar, e de se apropriar, enfim, das aulas, de seu fazer pedagógico, preferindo as ditas metodologias e procedimentos prontos. Nunca fui e acho que continuo não sendo capaz de compreender por que as atividades prontas – sequências didáticas – para serem ‘aplicadas’ são tão requisitadas em cursos de formação.

No entanto, até certo ponto, compreendo perfeitamente professoras que não sabem sobre seus corpos, que não veem seus próprios corpos e não prestam atenção aos corpos das crianças, que têm receio (e medo) de trabalhar com qualquer tipo de dança na escola que exija um pouco mais do que ensaios ou repetições de repertórios prontos. A falta de formação/experiência nos endurece, nos intimida, nos traz insegurança, resistência. Pode parecer mais fácil e mais seguro ‘aplicar’ o que já está pronto e confirmado pela internet.

Mesmo sendo em princípio contra sequências didáticas, concordo, no entanto, que referenciais são absolutamente necessários para que se estabeleçam processos significativos de ensino e aprendizagem, e foi isso, creio, que Ana Mae sugeriu já na década de 1980: uma nova forma, outro referencial para pensar/fazer Arte nas escolas<sup>10</sup>, bem diferente de uma receita de procedimentos.

Acho que Ana Mae concorda comigo: o direito de criar sua própria aula/projeto não pode ser tirado das professoras! Retomo aqui uma ‘súplica’ que fiz quando primeiro escrevi a vocês: criem danças dançando com as crianças, sejam coprotagonistas da elaboração das proposições de dança em suas salas de aula! E, claro, citar as fontes de onde aprenderam ou se basearam para elaborar suas atividades e propostas práticas não é apenas digno, mas ético.

Assim como penso que docentes não podem abdicar de seu direito de criar, de compor, de elaborar seus projetos/aulas, creio que tampouco podem abdicar de seus corpos. Vi e ainda tenho visto muitas professoras que, com o passar dos anos, não se sentam mais no chão, não se abaixam para conversar com as crianças, não correm, olham as crianças de longe no parque, sentem preguiça de se movimentar, não se movem mais! As crianças ficam

10 Vide também SILVA, E. (2010). Formação continuada de professores e a Abordagem Triangular de ensino da Arte. In A.M. BARBOSA e F. CUNHA (Eds.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. 1ªed. São Paulo: Cortez. sobre a Abordagem Triangular e epistemologia da Arte.

corporalmente abandonadas na escola, sem referências adultas de movimento, de corpos no tempo e no espaço, de danças distintas das delas. Mas, antes de abandonarem as crianças, quantas professoras estão abandonando seus próprios corpos. Aliás, estas duas coisas a meu ver caminham absolutamente juntas.

Ao abandonarem seus corpos, professoras abandonam também suas próprias possibilidades e potências de dança. Consequentemente, abandonam as possibilidades e potenciais das crianças dançarem. Compreender a importância do corpo e da dança na educação só acontece de um jeito: incorporando a dança, permitindo e estimulando experiências da dança como linguagem e conhecimento. Sabemos que docentes que não têm dança no corpo ou não colocam seus corpos como estímulo lúdico em aula, dificilmente lograrão experiências significativas com as crianças.

Com isso, não quero dizer que vocês devem, necessariamente, conhecer múltiplas técnicas de dança, ter corpos 'altamente sarados', serem vocês mesmas ideais de corpos de bailarinas ditas 'padrão'. Quero dizer e sugerir exatamente o que disse: que professoras tenham dança no corpo, a *suas* danças, em *seus* corpos... Deixo aqui minha segunda 'súplica': professoras, não deixem seus corpos de lado, dançam mais! Aquilo que é bom para as crianças é também bom para vocês, para nós, para o mundo.

Hoje entendo uma das pilastras da Abordagem Triangular, o 'fazer', não somente conectado à produção de arte das crianças. Ou seja, fazer dança não é somente propor que estudantes dançam em diferentes formas: improvisando, compondo ou realizando repertórios.

Os corpos vivos e dançantes de vocês professoras também são em si um 'fazer', fazer que está intimamente ligado ao fazer artístico das crianças; só que esse é um fazer artístico/pedagógico, ou o que chamei de *proposição cênica* em minha pesquisa de doutorado<sup>11</sup>. Explico-me: vejo o vértice do 'fazer' da Abordagem Triangular também como um chamamento ao fazer dos docentes, fazer esse direcionado e com os estudantes; uma maneira viva e artística de vocês estruturarem propostas pedagógicas e de se comprometerem com a ação, com a participação em situações de ensino e aprendizagem.

11 Veja MARQUES, I. (1999). *Ensino de dança hoje*. São Paulo: Cortez.

Se puder fazer um pedido como formadora, peço que vocês façam, façam arte, ensinem dança dançando e, assim, comprometam-se em seus corpos com as mudanças necessárias para que outra sociedade seja possível: uma sociedade pautada pelas ações relacionais, com compromisso e dialogicidade. É preciso repetir e repetir isso: as danças e corpos dos docentes, ao se relacionarem com as danças e corpos dos discentes, não podem ensinar apenas passividade e distanciamento do adulto em relação às crianças. Infelizmente, isso ainda é muito comum. Em vez de passividade e distanciamento, proponho dança e relação.

Os fazeres dançantes de vocês como propositoras de dança, a meu ver devem compartilhar e ensinar vida, ação, participação e compromisso. Em última instância, acredito que o 'fazer' de vocês como propositoras é também um 'fazer' político, pois altera relações, engendra valores e delinea atitudes e posturas diante das diferentes realidades vividas, percebidas e imaginadas pelas crianças. Vamos sair do muro para entrar na dança? Dança é movimento, transformação contínua.

Fazer, em seu sentido mais estrito, é 'colocar a mão na massa', o pé no chão e o corpo na dança, participar e agir na possibilidade e intenção de transformar. Sei que estamos cansadas, mais que isso, exaustas. Enfrentamos uma pandemia sem recursos ou políticas públicas. As lutas parecem ser as mesmas de antes, porém mais graves. Para os pequenos, no entanto, o fazer parece ser tão 'natural'. Ana Mae nos ajuda a compreender, no entanto, que fazer não pode ser sinônimo de 'fazerção': na Abordagem Triangular, o vértice do fazer, como vocês sabem, está conectado à leitura e à contextualização dos trabalhos artísticos.

E vocês são especialistas em leituras: ler e ensinar a ler! Há muitos anos estudamos Paulo Freire e sabemos que a leitura da palavra é também – ou deveria ser – uma leitura de mundo<sup>12</sup>. Parafraçando o autor, proponho em meu trabalho que as leituras da dança também sejam e proporcionem diferentes leituras de mundo; e lemos a dança de diferentes formas: o dançarino lê a dança que pratica, o coreógrafo lê a dança que compõe, o diretor lê a dança que coordena e o público lê a dança que assiste<sup>13</sup>. Vocês já experimentaram trabalhar com todas essas leituras?

12 Vide FREIRE, P. e MACEDO, D. (1990). *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

13 Vide MARQUES, I. (2010). *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto.

O mais importante, quando trabalhamos com leituras das danças, acredito, é gerar diálogos entre o que se vê o que se sente, ou seja, não ignorar os referenciais corporais de quem dança, trocando-os apenas pelos olhares externos, geralmente de adultos sobre as crianças. Aliás, todo cuidado é pouco quando falamos de olhares externos sobre os corpos das crianças, principalmente se estamos tratando de leituras que podem facilmente se transformar em juízos de valor – bom, ruim, adequado, bonito, escandaloso etc. A leitura da dança precisa também ser atravessada pela ética!

Por isso, tomemos cuidado com essas leituras das danças produzidas pelas crianças em sala de aula. Em primeiro lugar, distinguindo o corpo da criança em seu perfil cotidiano (alto, baixo, magro, pernas longas etc.) de seu corpo dançante. Entendo que a leitura proposta por Ana Mae, quando trazida para a linguagem da dança, deve ser sobre o movimento, o movimento no tempo e no espaço, sobre a própria dança, o dançar. Em segundo, praticar a leitura da dança ouvindo as crianças sobre suas experiências/leituras em seus dançares: perguntar a elas o que sentem ao dançar, como percebem seus deslocamentos no tempo e no espaço; se figurino ajuda ou não a dançar, como é se mover com diferentes músicas etc.: estas também são leituras das danças que nos conectam com leituras de mundo.

Hoje em dia as leituras de obra sugeridas por Ana Mae na Abordagem Triangular estão extremamente facilitadas pela presença da internet, pois trabalhos artísticos estão nas redes sociais, nos canais do youtube, na Netflix etc. Ou seja, as crianças de hoje têm, a rigor, mais acesso a diferentes formas de dançar. E não só as crianças, vocês também. A internet é uma fonte importante de repertórios diversos e variados.

Mesmo assim, tenho um sonho antigo: encontrar metros e metros de filas formadas por professoras nas portas dos teatros; não por estarem cumprindo tarefas de seus coordenadores ou alguma avaliação de cursos de formação. Sonho com filas de professoras instigadas pelo puro gosto de fruir dança, de estar na presença da arte. São tantos os espetáculos gratuitos atualmente, e de boa qualidade! Por que será que tão poucas professoras aproveitam essas oportunidades?

Penso que se não nos tornarmos nós mesmas leitoras de dança, tornaremos nossas aulas de apreciação/leitura uma

farsa. Mais do que isso: se não percebermos o quanto as diferentes leituras da dança modificam e adensam nossos próprios fazeres artísticos e pedagógicos, elas também perderão o sentido. Se me permitem mais uma sugestão, aproveitem em seus corpos/olhos essas oportunidades do prazer da fruição da dança, de suas múltiplas leituras, não só ‘pelas crianças’, mas por vocês mesmas.

Ao longo dos anos, tenho percebido que esse olhar crítico e problematizador para trabalhos de arte sugerido por Ana Mae Barbosa a partir do vértice da leitura da Abordagem Triangular pode também ser deslocado e ser um importante referencial para que nós, professoras, possamos também ‘ler’ diferentes situações, espaços e relações na escola. Ou seja, quando aprendemos a ler criticamente as danças e seus movimentos a partir de trabalhos artísticos – nossos e dos outros –, também estamos aprendendo a ler movimentos, corporeidades e relações do/no coletivo em outros tempos e espaços que não os delimitados pela arte.

A relação que se estabelece entre a leitura e o fazer proposta pela Abordagem Triangular pode ser também uma rica fonte de criação de relações interpessoais e pedagógicas no ambiente escolar. O olhar atento e ético (leitura) para as crianças em seus movimentos, corpos e corporeidades – e para essa movimentação no espaço – nos permite estabelecer e criar outros fazeres artístico/pedagógicos. A leitura modifica o fazer e vice-versa e, por isso, nossas diferentes leituras das relações pedagógicas estabelecidas em sala de aula podem ganhar outras conexões e sentidos. Em última instância, se nos tornamos melhores leitoras também poderemos aprimorar nosso fazer, e, conseqüentemente, nossa ação no mundo.

Adoro dançar com as professoras de Educação Infantil, vocês são em geral muito alegres, sabem rir, são buscadoras, brincalhonas. Adoro quando os corpos suados em cursos me dizem “agora compreendi”, “agora sei no corpo do que você está falando”. O melhor ainda é quando, confiantes, apostam no trabalho com seus alunos e me dizem: “deu certo!”.

Mas adoro também conversar: prática sem teoria, sabemos, se perde em si mesma. O fazer desenfreado combinando uma atividade após a outra logo cai em um buraco sem fundo. Assim como mente/corpo caminham juntos, prática e teoria são indissociáveis. Aceitam mais uma ‘súplica’?

Leiam, leiam muito. Estudem, conversem, leiam mais ainda. Façam dos livros interlocutores de suas práticas artístico/pedagógicas de dança, isso fará toda diferença do mundo para as crianças, e para vocês também, espero.

Com essa, vamos dizer, 'teorização' como embasamento e interlocutora das propostas artístico/pedagógicas, acredito estarmos agregando ao ler/fazer do ensino de arte uma dimensão contextual. Na Abordagem Triangular, a contextualização proposta por Ana Mae permite nossa inserção no mundo, traçar redes de relações entre a arte e a sociedade, entre a arte que lemos/fazemos e o mundo em que vivemos. Como boa freiriana, essa é a parte que mais aprecio do trabalho proposto por Ana Mae, a possibilidade de nos conectarmos com o mundo e de agirmos sobre ele.

Vejo sempre os três vértices do triângulo (e seus desdobramentos) da Abordagem Triangular relacionando-se entre si, de forma não hierárquica, indeterminada e singular. Já usei várias vezes a metáfora do caleidoscópio para trazer a imagem da interdependência e da interconexão entre os diferentes saberes da arte que, no meu entender, Ana Mae propõe.

A relação entre teoria (contextualização) e prática (leitura e fazer) não fica fora dessa construção caleidoscópica. Gosto de pensar que esse caleidoscópio também faz girar nossas posturas e atitudes diante do ensino de dança: o vértice da contextualização proposto por Ana Mae é uma peça que se liga ao ler/fazer de nossas práticas artístico/pedagógicas. A contextualização é para mim um convite à pesquisa que me permite não somente ler mais, mas fazer dessa leitura pontes para encontros, entrevistas, novos fazeres e outras leituras de obra e de mundo. A contextualização invoca a reflexão, a problematização, a crítica. Acima de tudo, ela faz o caleidoscópio girar articulando saberes e posturas. Fica então minha última súplica: girem muito e deixem girar esses caleidoscópios do ensino de dança!

Minhas 'súplicas' aqui expressas, que na verdade são desejos, exigem coragem para dançar, ousadia para criar, vontade de compartilhar, humildade para aprender, perseverança para ensinar, entusiasmo para conviver, compromisso para educar. Desejo a vocês muita coragem, vontade, humildade, perseveranças, entusiasmo e compromisso.

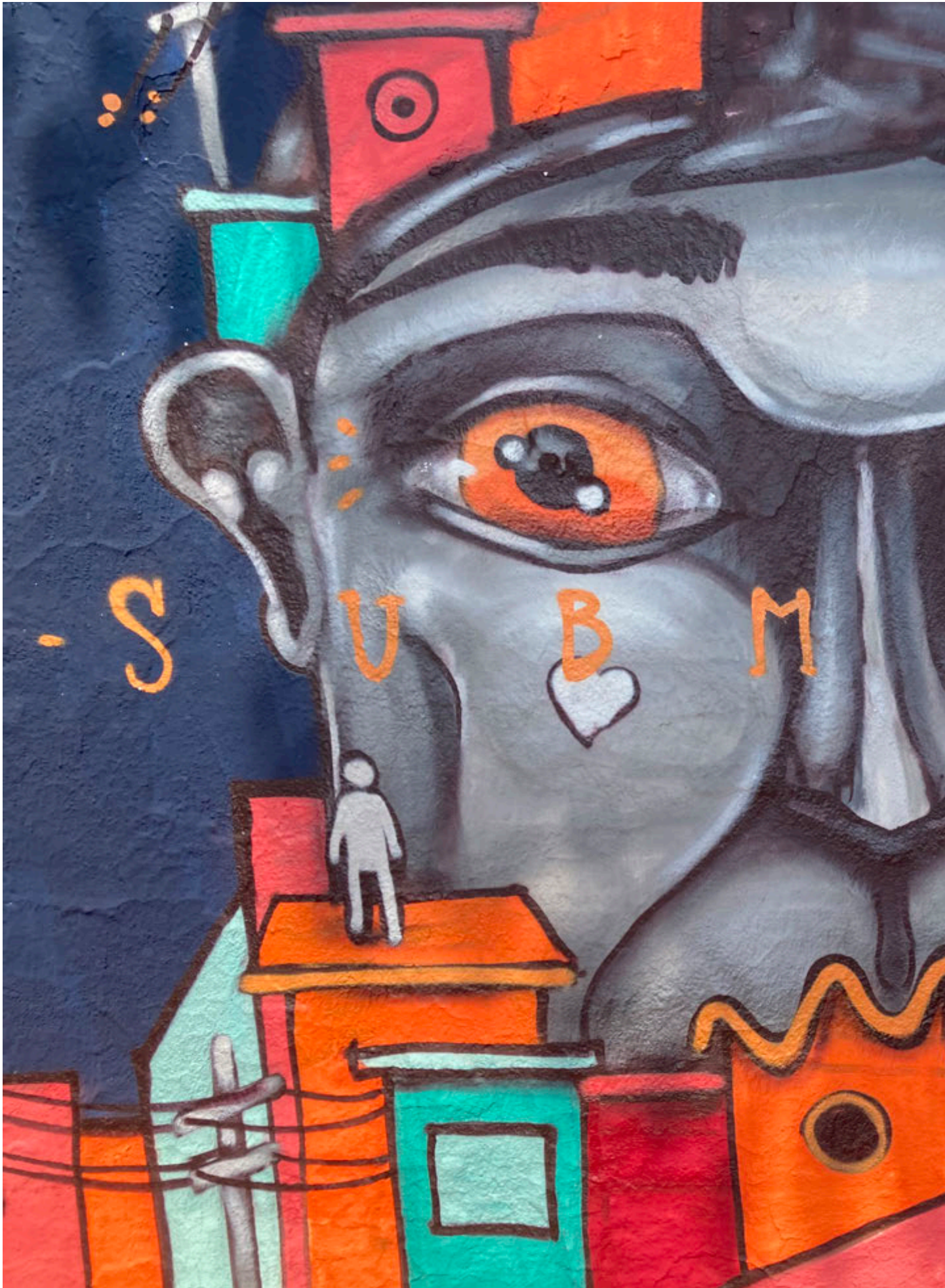
Insisto em dizer que a questão política do corpo e da dança não é necessariamente uma questão partidária; que o simples não é necessariamente simplório; que a ludicidade da dança não diz respeito somente às crianças e que, finalmente, não podemos confundir projeto pedagógico com um rol de atividades despolitizadas. Creio que compreender o corpo na dança e o corpo que dança de forma politizada, comprometida, lúdica, simples e conectada é um dos maiores desafios para nós, pedagogas, professoras de Educação Infantil.

A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, se também compreendida como posturas diante dos processos de ensino e aprendizagem, da vida e do mundo pode estar ao nosso lado para que abracemos com mais propriedade e compromisso essa árdua tarefa que se coloca novamente diante de nós no período pós pandemia: reconstruir o Brasil com arte. Com arte que faz, que lê e que compreende problematizando as novas redes de relações.

Não poderia terminar uma carta como esta sem *agradecer imensamente* aos milhares de professoras/es das cidades de São Paulo, Jacaré, Americana, São Carlos, Santo André, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires, Bauru, Campinas, Jundiá, Nazaré Paulista, Sorocaba, Araraquara, Taubaté, Caieiras, São José dos Campos, Itaquaquecetuba, Curitiba, Faxinal do Céu, São José, Florianópolis, Chapecó, Joinville, Jaraguá do Sul, Porto Alegre, Montenegro, Lajeado, Sta. Maria, Belo Horizonte, Nova Lima, Viçosa, Rio de Janeiro, Vitória, Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Juazeiro do Norte, Itapipoca, Trairi, Petrolina, São Luiz do Maranhão, Teresina, Belém, Manaus, Porto Velho, Macapá, Boa Vista, Campo Grande, Goiânia, Caldas Novas, Goiás Velho e Brasília pela vontade política, pelo entusiasmo corporal e pela ousadia de aprender e ensinar com que estiveram presentes nos cursos e palestras que ministrei nestas cidades. São a vontade, o entusiasmo e a ousadia de vocês que me fazem continuar acreditando e trabalhando por um país mais justo, mais ético e mais dançante!

Muito obrigada, de corpo todo.

Isabel Marques





*"Submerso"*  
Felipe Iskor